

GERIO VAZ

AS FARFAS MODERNAS

CHRONICA MENSAL

DA

POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

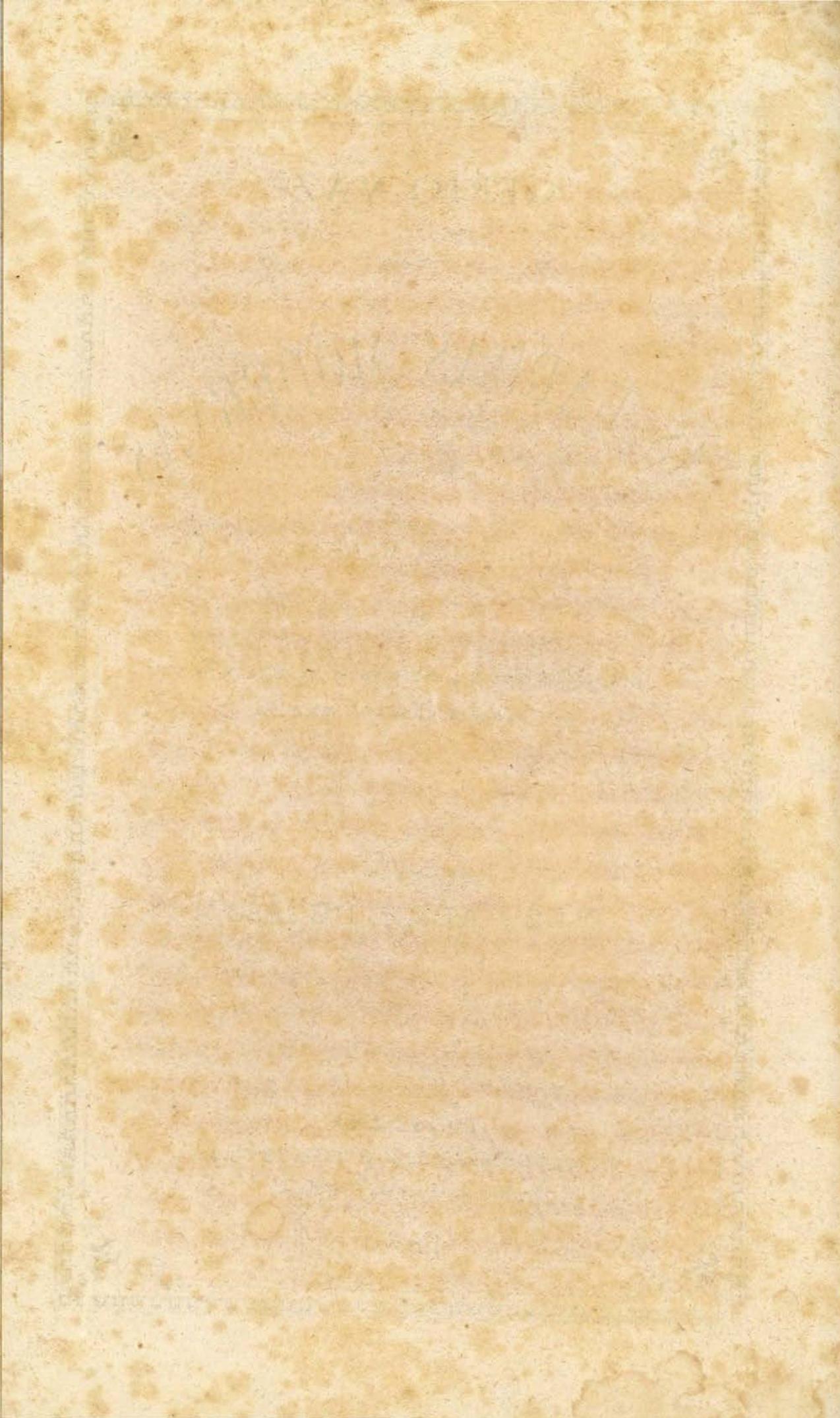
N.^o 2 — ABRIL DE 1880

PORTO

TYP. COMMERCIO E INDUSTRIA

29, Rua do Corpo da Guarda, 29

1880





As farpas modernas



Worthington Smith B

GERIO VAZ

AS FARPAS MODERNAS

CHRONICA MENSAL

DA

**POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES**

N.^o 2 — ABRIL DE 1880

PORTO
TYP. COMMERCIO E INDUSTRIA
29, Rua do Corpo da Guarda, 29

1880.

CERIO AVZ

ANNUO

ES TAHAS MODERLVA

CHRONICO MESSALE

40

ESTA ESCRITURA DE VENDA DE TERRENO

ENTRE JOSÉ MARIA GOMES

N.º 5 - ABRIU DE 1880

NOTA

ESTA ESCRITURA E SUA FOLHA

ESTAMOS A SEU DISPONIBILIDADE

1880.

SUMMARIO

Camillo Castello Branco.— A reunião de 18 de Abril no theatro Baquet.— O snr. Lobo, governador civil e a sua ida a Lisboa.— O tri-centenario de Camões.

I

A pag. 29 do seu folheto, diz o snr. Camillo n'um estylo malcreado, referindo-se ao snr. dr. Theophilo Braga :

«Os livros do snr. Theophilo são uma balburdia, retracos de sciencia apanhados a dente, mal mascados, um cerebro atrapalhado como armazem de adeleiros, golfos do bolo não esmoido, cousas apocalypticas, muito desatadas em prosa deslavada, derreada, enxaciada de gallicismos, cahotica, apontoados enxacôco de retalhinhos apanhados á tôa n'uma canastra de apontamentos baralhados e atirados para o prélo. Toda a farragem do snr. Braga é isto, creiam-me os Pissões e a snr.^a Rattazzi. A cabeça tôa-lhe a va-

sio, em competencia com a da sua admiradora. Todo elle é uma bexiga de gazes maus; quando a apertam faz-se mister, como para o *portugaison*, apertar o citado appendice.»

Tudo o que o snr. Camillo tem dito do snr. dr. Theophilo Braga, tem sido uma serie de pequeninas invejas, nascidas d'uma alma de pequeno parto. A insultos dever-se-hia responder com insultos, mas em respeito á dignidade que nos pre-samos possuir, seremos para com o sr. Camillo, mais leal, mais franco, do que elle tem sido para com o sr. Theophilo e outros trabalhadores honestos do nosso paiz.

Dizer que a cabeça do snr. Theophilo tōa a vasio, além de ser um contra-senso, é tão indigno como os actos de quem procede tão insolentemente, para com o auctor da *Ondina do Lago*.

As insolencias do snr. Camillo não nos causam espanto, nem a serio as tomavamos se o auctor do *Amor de Perdição*, não viesse com um arrojo petulante ferir quem mais honra nos dá no mundo das letras e das Sciencias.

O que é o snr. Camillo comparativamente ao snr. Theophilo Braga?

Dissemos no primeiro numero d'esta publica-ção, que o snr. Camillo não nos tinha dado a en-tender senão o vigor da sua imaginação e a per-feição do seu idioma. Dissemos e hoje confirma-mos a nossa affirmativa. Quando em 1851, o snr.

Camillo Castello Branco publicava o seu romance na *Semana*, intitulado, *Onde está a felicidade?* seria tudo n'aquelle tempo, menos um observador; teria recursos para phantasiar o viver d'uma madre-abbadessa, mas o que decerto não possuia, era a intuição artistica, o talento d'um escriptor que eleva o vôo fóra da esphera do tempo em que apparece.

O snr. Camillo nunca teve o talento, nem o senso artistico, d'esses grandes vultos da escola que se chamou Coimbrã. Viveu sempre no marasmo da escola romantica, sem a ter nunca engrandecido, pelo esmero d'um trabalho artistico, por uma concepção grandiosa. E é este snr. Branco que diz, que a cabeça do snr. Theophilo tôa a vasio e que os Traços geraes de philosophy, são Trapos.

Ora snr. Camillo, bom trapo me parece a sua lingua ! bom trapo me parece o escriptor que tanto desdenha do que não percebeu nem do que nunca virá a perceber. Trapos, podemos nós chamar a alguns dos trabalhos d'arte do snr. Camillo.

Um livro, — livro de versos que o snr. Camillo Castello Branco publicou em 1854, dá-nos uma idéa fixa do seu espirito piégas, sem nenhuma originalidade na forma, da pouca elevação do seu pensamento e da desordenação do seu gosto artistico. Uma mixordia !

O escriptor que possua estes dotes d'artista, que adjunte a estas coussas uma tacanhez de in-

telligencia pronunciada, será para comparar no que diz respeito á arte, á critica, á sciencia, com o auctor da *Visão dos Tempos*, dos Traços geraes de philosophia positiva? Não. Camillo Castello Branco não creou uma escola: acompanhou um movimento litterario; não escreveu um livro onde possamos estudar, sem outro auxilio, o estado da nossa litteratura: tem-nos dado romances monacaes, pejados de idyllos infantis e de peripecias amantescas. Nunca deu um passo fóra do caminho traçado por *Garrett e Castilho*. É por isto mesmo que o snr. Camillo é admirado, e tem á idolatria dos burgueses e dos caixeiros de mercearia. Se o snr. Camillo deixasse a rotina dos mestres, se tivesse um espirito mais creador e menos rotineiro, não teria tantos admiradores, mas a patria, as letras dever-lhe-hiam muito mais. Assim ficará sempre o sr. Camillo dos burgueses mercieiros, assim como o thio Thomaz ficará sendo, o vate predilecto das meninas de salão.

O snr. dr. Theophilo Braga, estabeleceu a escola da poesia moderna em Portugal com a *Visão dos Tempos*; introduziu, entre nós, o gosto da phantasia, d'uma phantasia moderna, com os seus contos, creou, entre nós, a philosophia da historia, historiou, collegiu os nossos contos populares e lançou em Portugal, os alicerces á Philosophia positiva. O snr. Theophilo Braga, não é admirado, discutido nos salões, onde o luxo contrasta com as facultades intellectivas dos frequentadores;

não tem a admiração dos mercieiros, nem é cantado ao som melancolico d'um pianno, mas em compensação tem a admiração dos homens da sciencia, e terá de futuro a recompensa da Patria.

Em logar d'uma commenda, d'umas pensões, terá uma recompensa mais louvavel, mais digna e de mais valia: a homenagem ao seu talento.

Que importa, pois, o que diz o snr. Camillo do digno professor do *Curso Superior de Lettras*? D'um lado um gigante, d'outro um pigmeu.

A inveja, snr. Camillo, matou Caim!

O snr. Camillo, não odeia o homem, odeia o pensador, odeia o trabalhador incansavel, o espirito cujo vigor é constatado pela seriedade dos trabalhos que exhibe.

Todo o trabalhador, todo o escriptor sensato, que estude e se embrenhe nas asperesas d'um trabalho modesto e honrado, e se apresente na desprevensiosidade do seu obscuro nome, na arena das letras, da arte ou das sciencias, é condenado pelo snr. Camillo; a sua penna é logo mergulhada no fel da sua ironia e... zás—eil-o na sua estabilidade de *critico*, de apreciador de trabalhos d'outrem.

Mas é triste, muito triste, quando o snr. Camillo do meio da sua ironia, quer mostrar scienc-

cia, e escorrega—não pela pereira abaixo como é de costume dizer-se—mas na rampa da tolice, e fica espetado no lodaçal da ignorancia, como o sendeiro n'um montão de lama viscosa.

Isto patenteia-se-nos em todos os trabalhos criticos do snr. Camillo, em todas as suas obras em que quer mostrar erudição.

Assim por exemplo, quando, na *Bibliographia Critica*, falla da *Galeria de Sciencias Contemporaneas*, além de confundir *Os Niebelungen*, com o livro dos heroes, erro cracissimo em que o snr. Camillo se deixou cahir, confunde theorias com systemas e faz de *Bunsen* uma idéa erronea, chegando a sua ignorancia ao requinte de reputar *Bunsen*, como auctor de systemas que na verdade nós desconhecemos.

O auctor do *Deus na historia*, nunca foi lido pelo snr. Camillo ou se o foi não o percebeu, senão nunca diria n'aquella ironia de sabichão palerma: «o snr. Cunha Seixas não cita *Bunsen*, mas advinhou-o quando formulou o seu sistema de *philosophia*.» Se o snr. Camillo tivesse acompanhado o movimento da *philosophia* allemã, se ao menos tivesse lido o professor *Bunsen*, não poria tanto em relevo a crassa ignorancia que nutre em materia de *philosophia*, e em que refocila, desde a primeira critica scientifica até ás ultimas considerações impensadas, feitas ao trabalho do snr. Seixas.

As theorias de *Bunsen* reflectem-se tanto nas

do snr. Seixas, como as condições topographicas do *Aterro da Boavista se reflectem em Heidelberg*. A idéa é justa. *Bunsen* nunca escreveu um sistema de philosophia, e, quando mesmo o escrevesse, não poderia n'elle inspirar-se o snr. Seixas, porque *Bunsen* foi um theologo *pur sang*, e entre as doutrinas theologicas e as que advoga o snr. Seixas, ha uma diferença tão consideravel, como a distancia que medeia entre os planetas de primeira e segunda ordem. *Bunsen*, além de ser um philosopho muito secundario, soffreu até 1838, a influencia de todos aquelles que procederam á sua educação, e que conviveram com elle. Foi a principio um espirito timido, indeciso, sem os predicados do iniciador d'uma escola, sem a coragem do pensador consciente, espirito pouco syntetico e menos observador. Soffreu por muito tempo a influencia de *Heeren*, *de Heyne*, *de Lüch*, *Lachmann*, *Niebuhr*, isto até 1816, época em que se entregou ao estudo da philologia.

Foi n'esta época que *Sylvestre de Lacy*, exerceu uma grande influencia no espirito de *Bunsen*.

Até 1838, *Bunsen* não passou d'um rotineiro sem idéas fixas, sem se filiar em nenhuma escola conhecida. Seguia o impulso dos que o cercavam. E estas palavras escriptas a um amigo em 1849, dão-nos uma idéa do que deixamos exposto:—

... Desde 1838, escrevia elle, emancipei-me, as vendas cahiram-me dos olhos.

Quando, depois da guerra da *Criméa*, foi fi-

xar a sua residencia em *Heidelberg*, alli entrou-se ao estudo da theologia, e foi então que escreveu o seu livro mais importante, *Gott in der geschicht* (*Deus na historia*). D'aqui se pode deduzir que *Bunsen* está muito longe de ser o que o snr. Camillo pensa.

Confundir um escriptor de *philosophia* da *historia* com um creador de *systems philosophicos*, é andar muito desacertadamente, snr. Camillo. O snr. Camillo não leu o *Gott in der geschicht*, porque se o lêsse encontraria logo no prefacio, materia sufficiente que o illucidasse, no caminho que devia seguir na apreciação que fez ao livro do snr. Seixas, e na idéa que devia fazer do professor *Bunsen*.

No prefacio, diz o auctor do *Gott in der geschicht*:

Toda a *philosophia* da *historia* consiste em procurar a lei do progresso no movimento histórico.

Este movimento, aos olhos do crente, tem logar unicamente para que o espirito humano revele o pensamento eterno da divindade e afim de que elle o realise a um tempo dado e d'uma maneira consciente, pela mesma rasão que a criação material o realisa no espaço e d'uma maneira inconsciente.

Ainda que o ponto de partida e o fim d'este movimento escapem ao homem, ha um sentimento vago da marcha que elle segue.

É este sentimento que é a consciencia da divindade, pois que a lei do progresso suppõe absolutamente esta divindade. Todas os povos historicos têm esta crença na sua missão divina.

Como o systema planetario gira em volta do sol, assim o genero humano se move em volta do sol da razão *moral* e do amor *eterno*, mas á diferença dos astros, a humanidade tem consciencia do movimento que opera e do centro em volta do qual gravita. O homem sente em si mesmo a existencia de Deus, sob a fórmula do bem: é isto o que se chama consciencia.

A consciencia não é, pois, senão o conhecimento instinctivo, o sentimento do pensamento de Deus que a humanidade é chamada a exercer na terra.

A origem primaria de toda a personalidade historica é a consciencia.

Mas esta vida *commum* e consciente, não poderia existir senão pela firme crença na unidade da humanidade em Deus, revelada pela historia, e na historia.

A obra, pois, d'esta consciencia, d'este sentimento de divindade que existe no homem, é Deus na historia...

Já vê, pois, o snr. Camillo; e saiba-o Portugal inteiro, que *Bunsen*, não escreveu um systema de *philosophia*, mas apenas um livro de *philoso-*

phia da historia, em que considera a historia como ponto de partida para o estudo das religiões. Quando o snr. Camillo diz—sempre com ironia—que o snr. Seixas entrára na fileira de *Descartes, Bacon, Kant* Spinosa, andou inpen-sadamente, não aquilatou nem percebeu qual o fim da *Galeria de sciencias contemporaneas!* O snr. Seixas não diz ter creado um systema, uma philosophia nova: o snr. Seixas syntetisa algumas sciencias na ordem em que cada uma d'ellas deve ser considerada.

Se o snr. Camillo pensa que ler um livro que requer certa concentração de espirito, certo e determinado esforço de pensamento, é o mesmo que idear um romance, descrever os costumes d'um povo da provincia, anda erradamente e perdoe o illustre romancista se n'isto ha of-fensa.

Um trabalho serio requer uma analyse seria, um estudo concentrado. Não nos devemos deixar captivar pelo renome que temos conquistado—ás vezes tão immerecidamente—quando temos de proceder a trabalhos d'onde está pendente a nossa reputação d'escriptor, onde se affirma o nosso saber, o nosso estudo, o estado do nosso es-pírito.

Se o snr. Camillo tivesse andado reflectida-mente quando procedeu ao criterio, que nada o honra, do trabalho do snr. Seixas, não nos ve-riamos agora obrigado a levantar-lhe as faltas

que commetteu em tão poucas linhas. Mas se fosse só no que diz respeito á parte philosophica do livro, não mereceria tanto a correcção, mas infelizmente até em ethnographia dá... erro!

Quando sua excellencia diz—corregindo o snr. Seixas:—a nossa separação moral da Hespanha, data desde o principio da monarchia.

Pois não data do principio da monarchia; afirmar tal cousa, é desconhecer a historia d'este povo que habitou, muitos seculos antes do estabelecimento da monarchia, esta pequena parte mais occidental da Europa.

A nossa separação moral da Hespanha data desde o estabelecimento aqui do povo phenicio. Com terem os Lusitanos dado a mão a Roma e viverem estes dois povos da Peninsula, por alguns seculos, debaixo do mesmo governo, houve sempre entre elles uma certa divergencia, nascida pelas condições de meio e de caracter.

Desde o principio da monarchia data a nossa emancipaçao, a nossa autonomia nacional, mas não a *nossa separação moral da Hespanha*.

Falla o snr. Camillo, de Aljubarrota, de Toro, de Val-de-Vez. O que tem isto com a nossa independencia moral do reino visinho?

Estas batalhas o que provam é apenas o engrandecimento da nossa gloria nacional, o desejo ardente do alargamento da esphera dos nossos dominios.

E se o snr. Camillo citou Aljubarrota para

justificar o seu argumento, foi infeliz; se d'Aljubarrota nasceram odios contra os castelhanos, muitos mais nasceram contra elles, pela usurpação dos Filipes.

N'este caso o snr. Seixas disse menos tolice do que o sr. Camillo, em ter affirmado que a nossa separação moral da Hespanha, datava desde D. João IV.

As questões suscitadas entre as nacionalidades, muitas vezes não marcam a separação moral d'um ou d'outro povo, mas sim o espirito de engrandecimento material, a lucta constante a que estão destinados, pela vida politica, todos os povos.

Ora, as nossas condições de vitalidade foram sempre muito diferentes das do povo visinho, por isso querer affirmar que a nossa separação moral da Hespanha data desde o principio da monarchia ou desde o reinado de D. João IV, é absurdo.

Julgamos ter demonstrado a pouca lealdade do snr. Camillo nas suas discussões, e os absurdos em que tem cahido nas suas criticas litterario-scientificas.

Respeitaremos muito o snr. Camillo, consider-o-hemos consoante merece nos seus dotes de romancista, mas ter-nos-ha sempre em campo, em oposição ás suas ironias que ás vezes tanto deslustram a sua reputação de litterato.

II

Este mez na politica o que houve de mais notavel e mais palpitante, foi a reunião do dia 18 no theatro Baquet.

E nada ha de mais apreciavel e que mais provoque a attenção dos espiritos despreocupados, do que uma reunião de carater politico, ou de mero espalhafato aqui no Porto.

Os interesses d'uma cidade como esta, não podem ser affectados, mesmo que os governos queiram, porque o Porto, armado de lança e capacete, investe com os altos poderes do Estado e diz-lhes : É preciso que vocês nos attendam e cumpram com toda a urgencia o que nos prometeram, quando vegetavam por estas ruas á procura do *Impossivel* e nos excitavam com palavras enganadoras aos combates eleitoraes,

vos elevardes á alta dignidade de nossos ministros, deputados etc.

E d'esta fórma nunca o Porto poderá perder o seu equilibrio mercantil, e a sua praça comercial continuará a gozar de todos os creditos, embora, cada dia, o tribunal do commercio tenha d'abrir uma fallencia de tres milhões de contos.

O Porto tem este privilegio dos grandes potentados, esta pose de valentão indomavel, porisso uma recusa ás suas exigencias, uma pequena falta d'attenção aos seus protestos, equivaleria a uma revolução, ao derruimento da velha constituição, á quebra dos poderes constitucionaes. A carta d'alforria que o filho dos mais ineptos monarchas do universo nos legou, e que por irrisão, ainda nos governa, seria despedaçada mesmo na bochecha do cavallo e cavalleiro que voltados de costas para a casa da illustre camara d'esta cidade, contemplam n'aquella sisudez de valentes monos, as macilentas costureiras que ao meio dia e ás oitos horas da noute, sahem thisicas de debilidade, da casa das *Ferins*.

O hymno da carta seria immediatamente substituido pelo hymno da *Maria da Fonte*.

É perigosa, muito perigosa uma rixa com o Porto, este brasão de independencia nacional, este brilhante modelo da civilisação africana.

Nada de mais importante, pois, do que uma das suas reuniões politicas, nada de mais apparatoso do que um dos seus protestos !

Do Porto está pendente a nossa autonomia nacional, a nossa independencia, a nossa dignidade, a nossa honra e os nossos brios nacionaes.

O Porto é o modelo das grandes revoluções — por exemplo a Jancirinha — o Porto é o grande centro da caridade publica — por exemplo a sôpa economica — o Porto é uma das praças mais acreditadas do commercio europeu — por exemplo os creditos do Roriz e Francisco Velho — o Porto é a modelogia da honestidade — por exemplo o snr. Moraes — o Porto é o modelo dos testamenteiros honrados — por exemplo o snr. Thomaz Antonio d'Oliveira Lobo, governador civil da invicta, e patrono dos proceres do paiz, — o Porto é o modelo dos municipios economicos, o intransigente, o imparcial julgador, o indomavel applicador da lei, — por exemplo a impunidade do snr. *Lopes testamenteiro*. O Porto não se deixa seduzir pelo compadrio; foi sempre incorruptivel; manteve sempre o seu caracter de independencia e seriedade. É, pois, do Porto que devem partir todas as nossas reformas, todos os nossos melhoramentos sociaes.

Caracterisado o Porto d'esta fórmā, não descuidando, nem por um só momento, os seus interesses, e tendo de memoria as promessas que o

actual governo e o snr. Marianno de Carvalho, lhe haviam promettido do palco do real theatro de S. João, e vendo que o governo perdera a carteira dos seus apontamentos, lembrou-se reunir em sessão extraordinaria para lhe lembrar—mas sempre respeitoso— aquella promessasinha que tanta conta lhe fazia fosse cumprida, n'este anno economico de 1880.

Foi no domingo, 18 do corrente, que teve lugar a dita reunião.

Pelas dez horas da manhã, á porta do theatro Baquet, grupos de individuos em trajes domingueiros, conversavam animadamente. Ao longo do passeio, encostados ás humbreiras dos portaes, pequenos grupos d'artistas fallavam animadamente e emitiam as suas opiniões a respeito do porto de Leixões, do prolongamento da linha ferrea do Douro e dos interesses que adviriam d'aqui á industria, ao commercio etc.

Senhoras despreocupadas passavam indiferentes pelo braço dos maridos. Grupos de costureiras que sahiam das officinas com as férias, estacionavam em frente ás vitrines das ourivesarias da rua de Santo António. Admiravam esta ou aquella prenda, este ou aquelle objecto. O brilho d'aquellas pedrarias encastoadas em ouro bem polido magnetisava-as, despertava-lhes desejos egoistas.

Tinham pequeninas invejas, entreolhavam-se, e como reconhecendo a debilidade das suas for-

ças pecuniarias, deixavam escapar, n'um desdem de queixume, palavras de confidencia; não gostavam d'aquelle collar, d'aquelles brincos: aquelles bracelets eram semelhantes aos da sua mestra; dera-lho's um camarista que todas as noutes lá ia tomar o chá.

E entretinham uma palestra demorada, cheia de contos pequeninos, d'onde se podia deduzir a magoa que as martyrisava, nascida d'aquelle deslumbramento a que decerto, não podiam chegar.

Para estas pobres criaturas as cousas politicas, a ascendencia d'un ou outro governo ao poder, não lhes faz móssa no espirito, não as penalisa nem lhes causa enthusiasmo.

O que as deslumbra, o que lhes prende o fio das suas idealisações, são decerto o brilho do ouro, o ranger das sedas, e o *chic* d'uma saleta tapetada, com quadros concupiscentes pendidos das paredes forradas a papel pintado.

O ruido dos applausos dos gabinetes do Estado, não lhes chega aos ouvidos, as obras d'arte não as conhecem, mas, em compensação, o progresso da moda, a estampa do figurino francez, dorme com ellas, acompanha-as até á enxerga do hospital, onde muitas vezes findam para experientia nos theatros anatomicos. Eram estas as que menos se importavam dos grupos que se mantinham á porta do theatro, esperando a hora da entrada.

Ás onze horas a plateia, os camarotes estavam pejados de espectadores. Aos lados, no palco, recostados em largas cadeiras, ostentavam-se alguns personagens de vulto politico.

No palco passeava de mãos atrás das costas n'uma attitude pedagogica, o Delfim, o celebre orador das nossas reuniões politicas.

A plateia conservava-se silenciosa, e os olhares d'aquella multidão compacta de cidadãos, convergiam todos a um ponto.

Houve um rumor no palco: individuos levantavam-se e dirigiam-se a sujeitos que entravam: trocavam-se apertos de mão, e sorrisos indecisos volteavam nos labios roxos d'aquelles figurões.

Na plateia houve então um sussurro: haviam entrado os oradores.

Constituida a meza, e depois do snr. presidente haver exposto o fim da reunião, concedeu a palavra a quem quizesse fazer uso d'ella.

Um silencio momentaneo foi estabelecido. Pequeninas tosses de constipações atrasadas, partiram o silencio, e uns *psius* prolongados restabe-

leceram o socego e a ordem. Havia-se levantado o primeiro orador.

O fim da reunião era pedir ao governo a prompta construcção d'um porto d'abrigó em Leixões, e o prolongamento do caminho de ferro do Douro até á Barca d'Alva.

As considerações feitas pelos oradores eram muito justas, tinham a sua razão na evidencia dos factos. O governo devia attender a tão justo pedido, a tão justa reclamação, e quando deixasse de o fazer, dentro em pouco tempo, a cidade do Porto, seria riscada das cartas geographicas e ficaria apenas, para o futuro, de memoria, como a Herculano ou velha a Carthago.

Se o pedido não fosse cumprido consoante pediam, dentro em pouco veríamos a herva crescer nas ruas d'esta cidade, e os commerciantes teriam de emigrar, com as suas filhas, as suas esposas, para a cidade de Vigo!

Que desventura, estabelecer em lugar de união Iberica, união gallega !

De mais deixar esta bella terra em tão boas condições topographicas, deixar os salões apparatossos do edificio da Bolsa, para ir habitar longe d'aqui do centro politico, d'esta terra abençoada, onde ha um theatro lyrico e um Gremio ! Não,

isso não. O governo não consentiria tal cousa, havemos de ser attendidos, diziam. Applausos choviam de todas as partes, quando um orador despegava para outro começar.

O snr. Correia de Barros, fez ouvir a sua voz, d'um timbre indefinido, cheia de pausas cadenciaes.

O snr. Delfim sempre eloquente, foi tambem feliz, porque a plateia applaudiu-o com muitos bravos e muita palma...

Toáda corria cá por fóra pelos corredores que o snr Vieira de Castro, tinha estudado um discurso *Demosthenico*, e que o terminaria com pouca diferença como Catão terminava os seus no Senado romano: —ou o porto de Leixões ou então esmague-se o governo, ponha-se-lhe a calva á mostra. Mas isto não era verdade, porque o snr. Vieira só fallou da herva nas ruas da cidade.

A herva n'aquelle dia occupava o espirito de todos os oradores.

Padeceriam do mal que matou Camões?

A herva por emquanto não pode nascer, com aquella espontaneidade com que nascem e crescem os tortulhos politicos.

Tortulhos já nós temos com abundancia, o que nos falta é a herva para os alimentar.

No dia seguinte ao da reunião foi dirigida aos representantes d'esta cidade, a petição para ser apresentada ás camaras.

Cremos que foi tomada em consideração, pelo que nos diz a folha do commendador *Balthar*.

A resolução do governo, já tinha sido prevista pelo Lobo do Porto, o testamenteiro do Conde de Ferreira.

Da nossa parte felicitamos o governo por haver acedido da melhor vontade ao pedido dos portuenses, e nós congratulamo-nos, por estes pertencerem á nossa patria.

III

No dia 28 do corrente annunciava a folha do
thio Balthar:

«Partiu para Lisboa o snr. governador civil
d'este districto. Informam-nos que vae advogar
perante o governo, os justos pedidos d'esta ci-
dade.»

Diz e diz muito bem. O snr. Lobo é muito de-
dicado a esta terra, a esta boa gente. E quem
mais competente do que o snr. governador civil
para um negocio de tão alta importancia ? O snr.
Lobo é d'uma lealdade inqualificavel; tem o es-
pirito de patriotismo que todas as almas grandio-
sas possuem. Admiravel emissario ! Quem não re-
conhecerá no snr. Lobo, as mais nobres qualida-
des de dedicação pelos interesses dos que o ele-

varam ao patronato de governador civil? Sim, porque o snr. Lobo não passaria de testamenteiro sorna, se o partido progressista não subisse os degraus do poder. Sim, de testamenteiro, pelo que deu a reconhecer a sua pericia de *administrador desinteressado, e de fiel cumpridor das suas atribuições.*

E de mais, o sr. Lobo não é dos que trabalham na mira incontestável de interesse: é dedicado pelo bem estar dos que dependem dos seus serviços, sem outra remuneração que não seja a gloria de... fazer bem.

Que mais provas queremos nós do que a actividade que elle dispendeu, como administrador das obras do hospital dos alienados? Homem *consciencioso, recto no cumprimento dos seus deveres, franco e leal* no exhibir das suas contas. Pensará o leitor que a imprensa teve de berrar: Lobo, que é feito dos mil e tantos contos que te foram entregues da testamentaria; Lobo mostranos as contas; onde tens mettido esse dinheiro que pertence aos pobres e com que fazes *figura* e te banqueteias com o teu partido? Não amigos leitores: o snr. Lobo, actual governador civil, nunca foi d'esses homens que *contam pelos dedos e deitam as contas ao lume*, o snr. Lobo nunca desmaselou os serviços a seu cargo, foi sempre diligente, como já dissemos, no seu mister de testamenteiro.

As más linguas é que diziam por ahi que elle

não queria dar contas, que tinha gasto o rendimento dos mil contos e que os *cadernos* onde tinha as contas se haviam queimado, em uma noite de... festa; que para substituir os outros cader- nos onde tinha os assentos, precisava d'outros onde inscrevesse todas as despezas que tinha feito com os bens dos pobres.

E effectivamente esta ultima parte da *galga* do povo, era justa tinha razão de ser.

O snr. Lobo tinha deixado queimar os cader- nos, e teve de fazer outros.

Que memoria prodigiosa não tem o snr. Lobo! Despezas que havia feito com o hospital dos alienados, ha seis annos, tinha-as de memoria. Apre- sentou ultimamente as contas em cadernos no- vos. Não se pode duvidar da probidade, do snr. governador civil, nem da *autenticidade* das suas contas, porque na verdade foram devidamente examinadas pelo snr. administrador. E ninguem mais apto e mais nos casos de tomar contas ao governador civil, do que um administrador ás ordens d'aquelle.

Os administradores d'esta terra são d'uma seriedade espartana, intransigentes como verda- deiros athletas.

Haverá, pois, quem duvide das contas do snr. Lobo, prestadas tão voluntariamente e com tanta presteza? Não, não, ninguem duvidará.

Mesmo que o snr. governador civil não pres- tasse contas — porque ninguem lh'as pedia — o

nosso dever era depositar n'elle toda a confiança, ceder-lhe a nossa graça, pelo desinteresse com que entrou n'esta questão de interesses, para o Porto. É sempre no *desinteresse* que sua excelencia labuta, embora queiram dizer que a fidelidade ao partido progressista será apenas enquanto o deixem ser governador civil. Foi este o contracto que fez com o Adriano,—segundo nos dizem. A ida do snr. governador do districto a Lisboa, é como que uma lição mestra aos seus inimigos.

E é effectivamente uma lição tremenda aos seus inimigos snr. Lobo. Parece que o estamos a ouvir na conferencia secreta que decerto os ministros de sua Magestade o snr. D. Luiz 1.^º lhe concederam.

«Isto vale de muito meus amigos : os homens agora ficam abysmados na persuasão de que vim tratar dos seus negocios, pedir-vos que vos lembreis d'aquella malfadada terra. Cuidam ! e como se enganam ! Eu vinha mesmo aqui por causa d'elles, da cidade ou á causa dos melhoramentos da barra !

São bem tolos se em tal pensam !

Fazei o que quizerdes. O que é myster, é engrandecer a minha missão, e que os jornaes a que damos o competente subsidio, fallem bem alto do meu patriotismo, do meu amor pela cidade etc.»

Parece-nos que a nossa imaginação nos não engana.

Mas dir-nos-hão: o snr. Lobo não era capaz de semelhante cousa.

E nós que havemos de responder?

Com a voz do povo, porque, como diz o proloquio, a voz do povo é a voz de Deus.

O snr. Lobo — é a voz do povo que falla — é capaz de muito mais, tem carácter para tudo. O snr. Lobo além de não ter convicções politicas, além de ser um explorador da boa fé dos partidarios progressistas, é d'uma insolencia a toda a prova, d'uma educação reprehensivel.

Como provaremos isto ao leitor?

Quando no anno passado, uma commissão de cidadãos mathosinheiros, veio a casa do snr. governador civil pedir a transferencia d'um empregado publico, allegando rasões justissimas para a transferencia, pensa o leitor que o snr. governador civil recebeu aquelles *ratões* com a delicadeza que aquelles actos requerem? Pensará que os recebeu na sala das visitas onde os receberia antes das eleições?

Antes das eleições não só lhes abriria as portas dos seus palacios, as gavetas onde estavam accumulados os juros dos mil contos, mas dançaria com elles o *Senhor da Serra* ou o *Tirolito*. Iria buscal-os, pelo braço ao topo da escada, esperal-os-hia com musica e foguetes á fonte da

Moura e tral-os-hia em triumpho pelas ruas da cidade. Mandal-os-hia sentar nos seus *fauteils*, d'um primor artistico, mandal-os-hia sentar á mesa como se fossem pessoas da familia.

Mas que desventura para os commissionados: terem ido depois das eleições ! Se elles tivessem adivinhado!...

Pois o snr. governador civil em logar de os receber como era devido, recebeu-os do cimo da escada e d'alli lhes fallou assim:

«Ponham-se ao fresco, vão cavar batatas ou apanhar gaivotas, eu sou governador civil d'este districto, por isso não tenho que lhes dar satisfações.

Adeus». E fechou-lhes a porta na cara.

IV

O tri-centenario de Camões, do grande epico, tem produzido nos espiritos inquietos um assombro, uma inquietação pouco *parlamentar*, mas muito digna dos iniciadores de funções patrióticas, como a que se deve realizar, aqui no Porto, em commemoração do que ha tresentos annos agonisava de fome na velha rua de Sant'Anna, na capital d'este illustre paiz. Idéas d'estas honram os seus iniciadores, immortalisavam os que concorrem para ellas, levados por um espirito de patriotismo e pelo dever que temos de tributar homenagem a quem tanto a mereceu como Camões.

Mas de quem partiu esta idéa, a quem se deve

tal iniciativa aqui no Porto? Não é difficult responder. A burguesia esse braço potente das nações, o *sustentaculo das glorias nacionaes*, não seria ella quem deixasse ir na vanguarda as outras classes, por mais illustradas que queiram arrogar-se. Foi effectivamente a burguesia, pacata, serena, emprehendedora, sem a mira no advento da peculidade d'alli auferida, ou de qualquer outro lucro que não fosse o tributo de respeito, pago ao auctor da epopeia nacional. Isto á primeira vista parece um protesto contra o procedimento dos endinheirados d'aquelle tempo em que a renascença das letras era proclamada—como hoje—pelos descamisados.

Agremiados a esta tão digna e *desinteressada* manifestação, foram os membros da Associação do Palacio de Crystal, taxando para os dias dos festejos a entrada a preços reduzidos—3\$500 reis pagos á vista, por tres dias de regosijo! Milhões de propostas foram apresentadas em assembleia geral: uns que a gruta do palacio seria denominada gruta de Camões e que um busto do grande epico desenhado em barro, seria posto em cima d'umas pedras toscas que formam o embellemento d'aquelle retiro pittoresco aos amadores do *ar-livre* em noutes de carnaval; outros apresentaram propostas para que fossem chamadas ao palacio, doze lavradeiras, para executarem ao ar-livre—se não chovesse—umas danças em honra commemorativa do epico portuguez.

Esta idéa sim, esta só importada da Allemanha d'esse grande centro do pensamento humano, d'esse grande jardim da civilisação europeia. O snr. Joaquim dos Musicos teve uma idéa brilhante, digna de ser applaudida entre as tribus desconhecidas da Africa Occidental!

Com quê então snr. Vasconcellos, doze moças bonitas, vestidas de branco, com umas corôas de flôres de laranjeira, calcando chinellinha de bezerro, vestidos curtos, deixando ver atravez d'uma gaze de meia fina, o bem torneado da perna, e exporem aos olhares gulosos dos espectadores, as abundancias das suas pomas bem talhadas, provocando desejos concupiscentes aos velhos burgueses endinheirados! Pobre Camões! quando tu agonisavas de fome pelas ruas da cidade de marmore, quando os teus inimigos, por meio da intriga, te atiravam ao antro das prisões lá n'essas paragens isoladas da terra que te viu nascer, eras olhado com desdem pelos que podiam librar-te na opulencia; todos te despresavam. Hoje passados já tresentos annos é que tu no tumulo, desfeita a carne, carcomidos os ossos, has-de sentir no folguedo irrisorio d'umas danças aldeãs, a recompensa ao teu talento, e receber da patria *agradecida* o applauso da tua dedicação como poeta, como soldado e como martyr da tua idéa! Se vivesses hoje nada fariam em teu bem, terias de estender a mão á caridade publica, terias de lutar com as mesmas difficuldades com que lu-

ctas-te, ou sujeitar-te a um logar de zelador municipal.

A burguesia deixar-te-hia no abandono, mandar-te-hia trabalhar sem te dar que fazer. Serias o mesmo infeliz, o mesmo pobretão; serias apellidado de inepto, de parasita; serias apontado a dedo, quando passasses em frente d'um grups de burguezes endinheirados. Os festejos que hoje fazem, não são em honra tua; o teu nome basta para a tua immortalidade: são em proveito d'esses que, com elle, exploram a boa fé dos que ainda trabalham de boa fé; são para esses que desejam ver em letras de cartaz os seus nomes inscriptos nas folhas que circulam pela Europa e pelas Americas. O patriotismo d'esta boa gente resume-se na seguinte forumla: — EXPLORAR COM O NOME DOS QUE TRABALHARAM E TRABALHAM HONRADAMENTE POR UMA CAUSA JUSTA E PELO ENGRANDECIMENTO DA SUA PATRIA !

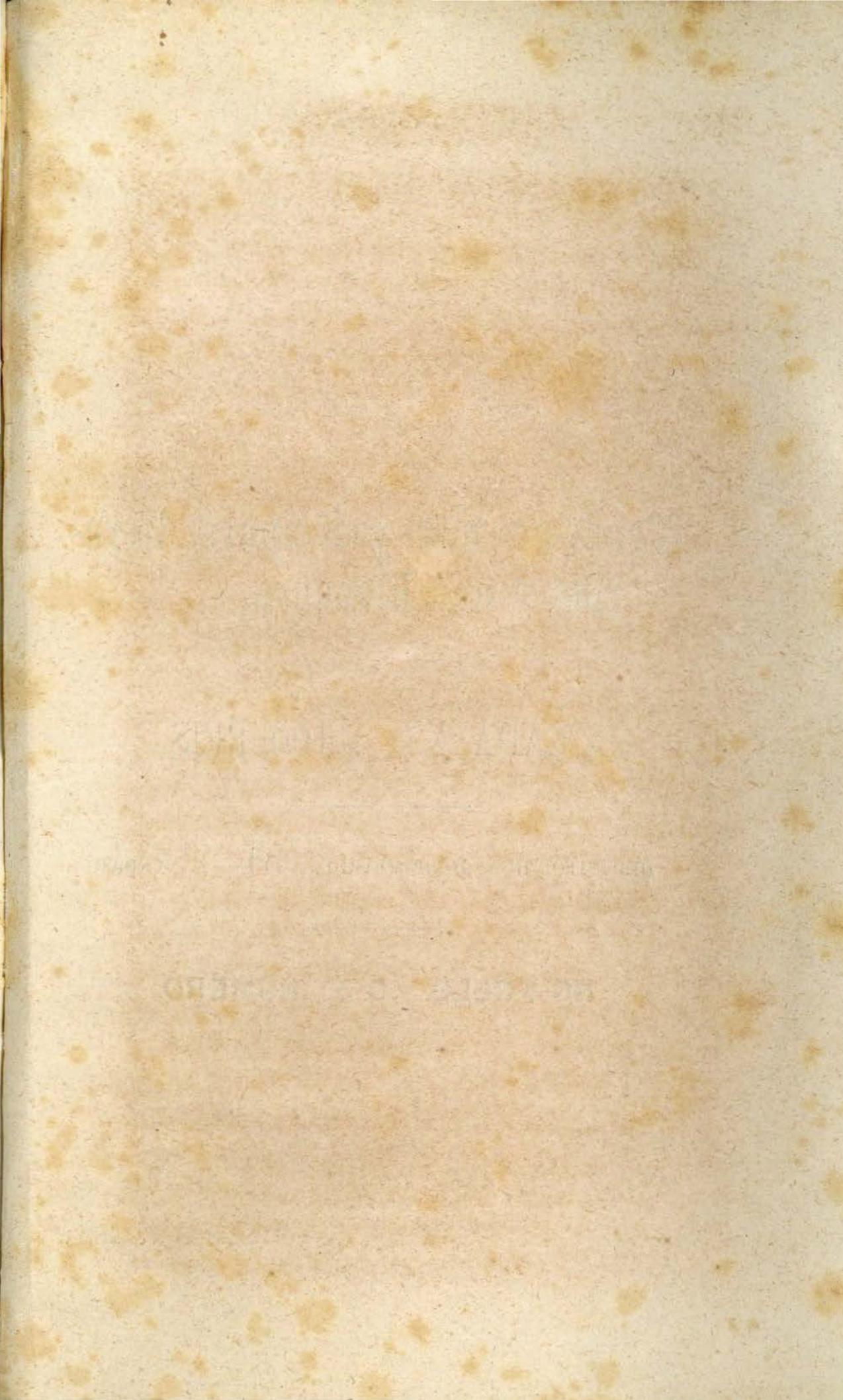
Tu foste um soldado valente, verteste pela patria o teu sangue de heroe, passaste noutes, muitas noutes dé vigilia para lhe legares a sua epopeia, para arrancar do esquecimento os seus feitos mais gloriosos. E que te deram em remuneração? A enxerga d'um hospital! — nem isso ao menos nos parece! Christo se viesse hoje ao mundo seria adorado, não o deixariam esmolar, tral-o-hiam de carro, não o deixariam pisar senão tapetes: viveria melhor do que um principe. Mas se vivesse hoje com as suas ideias de refor-

mador, os seus principios de egualdade, e moralidade, que lhe faziam?

Não o amarrariam n'uma cruz, a um poste, mas mettel-o-hiam n'uma prisão cellular, onde lhe faltasse luz, oxigenio; mandal-o-hiam collocar á frente d'uma duzia de soldados, e mandal-o-hiam fusilar; não o deixariam esmolar, mas mandal-o-hiam para o azilo da mendicidade, onde o deixariam morrer lentamente de fome. É só n'estas ocasiões que os endinheirados se lembram de gastar dinheiro — para depois receberem capital e juros — em beneficio d'aquelles que dormem na solidão do tumulo, o sonno eterno!

ERRATAS DO N.^o 1

Paginas	linhas	erros	emendas
6	9	inexoraveis	inexoravel.
10	30	de commodidade	de tanta commodidade.
27	14	na apreciam	se não apreciam.
15	13	<i>demi cahe</i>	<i>demi cachée.</i>
»	26	fez-se ouvir	fez ouvir.
8	8	relachadas	relaxadas.
24	10	equipar-se	equiparar-se.
25	29	rediculo	ridículo.
26	1	<i>Hine</i>	<i>Heine.</i>
»	7	inoja	enoja.
27	6	tem	têm.
»	18	apergoado	apregoado.
28	11	tem vivido	viveu.
29	29	blasphemadores, dinte-rusos	blasphemador, de in- truso.
30	20	desencardenados	desencadernados
»	22	replicas	republicas.



Vende-se nas principaes livrarias e nos kiosques.

CADA N.º . . 100 REIS

DEPOSITO, RUA DO BOMJARDIM, 544—1.^o ANDAR

NO PRELO — O 3.^o NUMERO